

REICHEL DOLMATOFF Gerardo *Yurupari: Studies of an Amazonian Foundation Myth* Harvard University Press 1996

Poi Philippe Erikson,
Université Paris X

Esta obra postuma vem de alguma maneira completar aquela que, há cerca de trinta anos, assegurou o renome universal de Reichel-Dolmatoff (1912-1994), autor do famoso *Desana* — o simbolismo universal dos índios Desana. Não obstante, embora *Yurupari* retome um bom número de temas já abordados em *Desana*, a mesma pessoa siga sendo o principal informante e permanece intacto o gosto do autor por coligar alegorias cosmológicas, as duas obras se opõem totalmente quanto ao método. Em *Desana*, era o etnólogo quem tomava a palavra (nos dois sentidos do termo). Em *Yurupari*, é mais o discurso dos informantes que ocupa o primeiro plano da cena narrativa, ao ponto de por vezes o leitor chegar a perguntar pela razão de figurar na capa do livro apenas um nome. Efetivamente, e devido essencialmente a Antonio Guzmán que Reichel-Dolmatoff pode traduzir os quatro relatos (um Tukano, três Desana) que constituem o essencial deste livro, consistindo a principal contribuição de quem o assina em comentários de natureza essencialmente lexicológica.

Nestes tempos pos-modernos em que a análise do discurso ganha cada vez mais adeptos no cenário antropológico, so o último esquadrião de nostálgicos da era hippie lamenta que uma aproximação linguística venha a substituir uma hermenêutica que fletava de bom grado com um certo misticismo. Retrospectivamente, não podemos senão nos alegrar pelo fato de Reichel-Dolmatoff se ter dedicado ao estudo das línguas indígenas (depois da ruptura de *Desana*, segundo confissão a página 11) e renunciado oficialmente (p. 268) a ver em *Yurupari* uma divindade solar. Infelizmente estes motivos de satisfação veem-se de certo modo temperados (para não dizer anulados) pelas inverossímeis liberdades que Reichel-Dolmatoff toma a respeito do rigor científico.

Linguistas que têmem com as temerárias contribuições dos etnólogos a sua disciplina encontram aqui futo alimento para as suas recriminações. O que pensa, de fato, de um autor que, de maneira recorrente “interpreta” um texto procurando o que acontece com um lexema quando se faz abstração da materialização (cf. entre outras, pp. 88, 167, 183)? Pode-se ler por exemplo na página 167 “The Desana word *piio*/confluence, when realized in Tukano, *~piio*, means ‘serpent’”. Aplicado ao português, este método permitiria dissertar a vontade sobre a equivalência entre o pão e o pau.

Alguns exemplos colhidos praticamente ao acaso no texto são suficientes para ilustrar o método no mínimo expeditivo de Reichel-Dolmatoff. Assim nas páginas 53-54, pode-se ler “The happy eagle is called *gari*, a word related to *~nari* meaning ‘nettle’ ‘itch’, ‘sexual arousal — a cognate of *vee/jaguar* *vee*”

(D) to copulate” [n.b.: (D) indica que se trata de um termo Desana, ao passo que o texto comentado está em Tukano]. Algumas linhas adiante, o autor constata que “The Indians see in the shaggy hair of the back of the sloth a similarity to a human vagina and call the sloth *kerá*, a term related to *~koré* (vagina)”. Sempre no mesmo parágrafo (e sempre no mesmo registro) pode-se enfim ler: “The top range of yellow tail feathers symbolises the seminal energy of the *oropendola*, called *umú* (cf. *ëmë/man*). The bird’s purse-shaped nests are often compared to human testicles”. Na página seguinte, a propósito do termo para macaco capelão, *emó*, Reichel-Dolmatoff parece enfim fazer algumas concessões à prudência, contentando-se em dizer que ele “may be related to the Arawakan word for *tapir*, *ema*”. A prudência parece efetivamente de rigor, pois trata-se aqui de aproximar (de resto, sem que se veja bem para quê) lexemas que pertencem não somente a dialetos, senão nada menos que a famílias lingüísticas distintas! Mesmo que os especialistas concordem em dizer que as línguas Tukano têm tomado muito de empréstimo às Arawak, o procedimento do autor não por isto se mostra menos peregrino. A mesma nota serve também para a tentativa (p.64) de interpretação a partir do Tukano contemporâneo de um morfema do taino, língua arawak extinta, pertencendo assim a outra época, a outra família lingüística, a outra área cultural e de outra região a uma distância de várias centenas de quilômetros...

Sem dúvida a “etimologia” mais espantosa é aquela que propõe (p. 247) decompor o termo *yurupari* em *nyu-re pari*: “copula tubular form *paxiuba palm*”, para reconstituir a seguir a suposta significação primeira, eminentemente sexual, como se terá adivinhado. A caminhos tão tortuosos pode-se preferir a hipótese, que nos sugere Dominique Buchillet, segundo a qual *yurupari* poderia derivar de uma expressão em língua geral que significa “boca fechada”, de *yuru* = boca e *pari* = cercado (de pesca, para a moça menstruada, etc.).

O livro todo apresenta o mesmo conteúdo, consistindo em textos munidos de comentários etimológicos que são ora claramente idiossincrássicos, ora visivelmente sugeridos aos informantes, mas aparentemente sempre regidos pelos princípios da livre-associação antes que pelos princípios da lingüística moderna, e sempre recrutados para demonstrar o caráter pan-sexual do imaginário amazônico.

Mais do que uma concessão às correntes teóricas da moda (a análise do discurso), é o empirismo ensandecido de Reichel-Dolmatoff o que verossimilmente explica o seu recurso sistemático à análise lexical. O nosso autor parece constantemente à procura de explicações de tipo causal tiradas do meio físico; daí as inumeráveis (e às vezes muito interessantes) referências a obras de botânica e de zoologia, daí os trechos referidos aos fosfenos (p. xxi) e aos feromônios (p. 27); daí quiçá também a inclusão do papa da sociobiologia (E. Wilson) numa bibliografia onde preferiríamos encontrar *Umúsin Panlôn Kumu & Tolamã Kenhíri*, 1980.¹ (Mas sejamos honestos: a lista de obras utilizadas por Reichel-Dolmatoff, poliglota e erudito, é exaustiva e até impressionante). Reichel-Dolmatoff parece convicto de que um enunciado etnológico deve referir-se ao

concreto para ser convincente, e esta propensão ao positivismo explica sem dúvida que ele se esforce em converter em ítem lexical a mais pequena asserção indígena. Como se os morfemas, sob o pretexto de que é possível recortá-los, fossem mais tangíveis que os símbolos, e em virtude desta aparência de materialidade, mais passíveis de serem submetidos a um tratamento “científico”.

No fim de contas, eis-nos na contramão da verdadeira análise do discurso, já que se trata - ao preço de contorções às vezes espetaculares - de converter em língua o que depende da fala. Reichel-Dolmatoff, em suma, desbanca sistematicamente o locutor do seu discurso, transformando os seus dizeres particulares em (pseudo) fatos de língua de alcance geral. Isso é tanto mais lamentável quanto certas intuições do autor e um bom número das falas Desana e Tukano que reporta são, não obstante, fascinantes. As metáforas que os Desana utilizam a propósito das preguiças ou do pássaro cacique (cf. supra) apresentam por si mesma interesse suficiente para que seja inútil tentar confirmá-las arrancando confissões lingüísticas a morfemas seviçados num leito de Procusto etimológico. Que o porto seja, além de um local de banho, um lugar de encontro privilegiado para os parceiros sexuais é uma informação cujo interesse ou cuja veracidade precisam ser realçadas por afirmações como “In fact, the term *pehtá* [landing] is derived from *pehsasé*/to lie down, to copulate” (p. 18).

A despeito de tão sérias lacunas, e a despeito do injustificado desprezo que ele vota aos trabalhos de Christine e Stephen Hugh-Jones (pp. 66-7 e 173), Yurupari reterá a atenção dos americanistas. Por um lado, porque além de uma excelente síntese da etnologia regional como introdução, ele aporta algumas notas de ordem puramente etnográfica que são de grande finura, em particular para tudo o que se refere à sexualidade (na página 28 se aprende que tipo exato de bastão é utilizado para separar os cães cuja cópula se eterniza). Por outro lado, a obra ficará, sem dúvida, porque ela fornece transcrições de mitos relativos aos famosos Yurupari dos que a etnografia se ocupa abundantemente, mas a propósito dos quais dispõe-se em definitiva de bem poucos textos de primeira mão (Dominique Buchillet, com. pess.). Os especialistas capazes de trabalhar diretamente em língua Tukano poderão festejar. Para os outros, assinalemos a aparição em português, no mesmo ano que Yurupari, de uma obra notável assinada por dois Desana: Diakuru (Américo Castro Fernandes) e Kisibi (Dorvalino Moura Fernandes)².

Notas

¹ Umúsín Panlôn kumu & Tolamãñ Kenhíri (introdução de B. G. Ribeiro), 1980, *Antes o Mundo Não Existia. A mitologia heróica dos índios Desana*, Livraria Cultura Editora, São Paulo. [recomendamos melhor a reedição de 1995: Umusi Parokumu (Firmiano Arantes Lana) & Toramu Kehíri (Luiz Gomes Lana), *Antes o Mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehitupora*, Séao João Batista do Rio Tiquié, São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 264 p., mapas, il.]

² Diakuru (Américo Castro Fernandes) & Kisibi (Dorvalino Moura Fernandes) [apresentação de D. Buchillet], 1996, *A Mitologia Sagrada dos Desana-Wari Dihputiro Pôrã*, UNIRT/FOIRN, Amazonas.